

HISTORIA E MEMÓRIAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Nova série. 2.ª Classe. Ciências morais e politicas, e belas letras

Tomo XII. Parte II. N.º 6

ELOGIO

DE

RAIMUNDO ANTÓNIO DE BULHÃO PATO

POR

JÚLIO DANTAS

Sócio efectivo da Academia

Pronunciado em sessão solene de 7 de Dezembro de 1913



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1915

Sala
Gab. 52
Est. 5
Tab. 7
N.º



ELOGIO

DE

RAIMUNDO ANTÓNIO DE BULHÃO PATO

POR

JÚLIO DANTAS

Sócio efectivo da Academia



SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA:

MINHAS SENHORAS:

PREZADOS CONSÓCIOS:

MEUS SENHORES:

Quando esta Academia, em sessão de 26 de Junho ultimo, teve a generosidade de elevar-me á categoria de seu sócio efectivo, conferindo-me a mais alta honra a que pode aspirar em Portugal um homem de sciência ou um homem de letras, experimentei uma impressão simultânea e contraditória de viva alegria e de tristeza profunda. Eu era precisamente um dos sócios correspondentes mais moços; aquelle, decerto, que menos motivos tinha para esperar da Academia a consagração da efectividade, — suprema consagração que só se alcança quando aponta a neve dos cabelos brancos e a mocidade para sempre desapareceu. O voto que me elevou foi para mim o adeus eterno á juventude que não volta. Senti, pela primeira vez, com o júbilo duma vitória, a dôr duma despedida. Saio, com os olhos turvos de lágrimas, a porta de oiro da mocidade. Na cadeira académica que vim ocupar, palpitam, ressurgem, iluminam-se ainda as cinzas da mais nobre decrepitude que eu conheci. É a cadeira de Bulhão Pato. Quis o acaso, senhor supremo da vida

e da morte, que à singular honra de o admirar eu juntasse a glória imerecida de lhe suceder. Venho cumprir hoje o primeiro dos deveres que essa sucessão me impõe. Venho pronunciar algumas palavras — que a velha praxe académica exige que sejam lidas — sobre aquele que foi um dos maiores poetas do seu tempo, a última reliquia do neo-romantismo português, uma das figuras em que mais vivamente encarnou a alma generosa e ardente da raça. Que a grandeza do assunto perdõe a pobreza do orador.

Bulhão Pato!

Dir-se-ia um desaparecido de ha trinta ou quarenta annos. Parece que o envolvem já as sombras longínquas do tempo. Temos a impressão de que nos resta d'ele apenas uma tradição remota. O seu perfil pálido, a sua cabeça de espectro coroada pela ténue névoa de prata dos cabelos, as suas mãos ósseas, compridas e trémulas, parecem surgir para nós através de duas, de tres gerações distantes, como um eco do romantismo exausto, como a sombra de um daguerreotipo esmaecido, — feitos de vagas reminiscências, de traços apagados, de memórias confusas. E, entretanto, Bulhão Pato morreu há um anno apenas. É uma figura de ontem. É um desaparecido de ontem. Ainda há trese meses, num dia de sol criador, numa atmosfera de oiro fluido, entre lufadas de poeira ardente, que mordiam, que queimavam, que abrasavam, eu o acompanhei ao pobre cemitério do Monte, a pé, subindo os córregos estreitos e pedregosos da Outra Banda. Ainda há pouco eu sai confrangido da sua casa simples, da sua casa modesta, das quatro paredes quasi nuas onde o amigo de Herculano vivia, entre uma estante velha que bocejava a um canto e uma amendoeira florida e doirada do sol que parecia entrar, como uma bênção, pela janela entre-aberta. A minha mão sente ainda a pressão débil da sua mão. Morreu ontem, é certo. ;Mas há quanto tempo, há quantos annos deixara iniludivelmente de viver esse grande espirito que encheu de bravura, de truculência, de pitoresco, de paixão, uma época que a tristeza byroniana cobria da sua asa negra e para a qual os poetas, estirpe de Jupiter, eram ainda uma expressão sagrada da divindade omnipotente! ;Há quanto tempo estava morto, pelo anacronismo da sua própria existência, o *leão* da Assembleia Estrangeira e dos bailes do Rato, isolado agora no damasco desbotado das suas recordações, nas flôres sêcas do seu passado turbulento, no bafio glorioso das suas atitudes, na retórica setembrista da sua eloquência admirável! Era esse anacronismo a razão suprema do seu isolamento. Fugira da geração actual, porque nada tinha já de comum com ela. Pertencia a uma outra época, a um outro mundo. É nos outros que nós vivemos; — e ele vira morrer, cair em volta de si, alma a alma, vida a vida, a sua existência inteira. Tinham já desaparecido, na poeira impalpável do tempo, as bôcas que ele beijara, os corações em que elle vivera, os braços amigos que o tinham amparado,

as mãos leais que o tinham aplaudido. Olhava agora em volta: eram todos desconhecidos para êle — e êle era quasi um desconhecido para todos. Entre o velho poeta e o mundo novo que o rodeava, nada havia já de comum. Eram estranhos um ao outro. Restava-lhe — pobre decrepitude gloriosa! — refugiar-se no seu passado longínquo e viver com sombras. A sua saudade animava espectros. A sua palavra evocava mortos. Imobilizou-se. Cristalizou. Passaram por êle as modas, sem o atingir. O pensamento moderno afflorou o seu espirito cultissimo, sem o penetrar. Manteve o tipo, a cabeleira, os gestos, o sentimento, a eloquência, o psiquismo do seu tempo. Em 1912, respira ainda, voluptuosamente, a plenos pulmões, a atmosfera luminosa de 1840. Como essas velhas sêdas salpicadas de pepueninas flores, que dormiam vinte, trinta anos nas gavetas das nossas avós, e onde parecia guardar-se, conservar-se indefinidamente, como uma reliquia, o resto dum perfume religioso e esquecido, — todas as palavras, todos os pensamentos de Bulhão Pato vinham doirados dessa *patine* antiga, em todos êles palpitava essa atmosfera morta de capela fechada, que não era ainda bafio e que não era já aroma, mas que o afastava, que o distanciava de nós, que o relegava para outra idade, para outro meio, para outra época. ;Como êle devia ter sentido, vivamente, a mágua de não ter morrido mais cedo! ;Como êle suportou, com resignação e com doçura, a agonia imensa de sobreviver a si proprio!

Não. O tempo, não é transformando-nos que nos envelhece: é transformando, em volta de nós, tudo o que nos rodeia. A mais dolorosa impressão da velhice não vem da decrepitude; vem do isolamento. Desmorona-se à volta de nós tudo quanto nos era familiar; desaparecem, uma a uma, todas as imagens queridas; caem, como fôlhas sêcas de outomno, todas as afeições, sorriso a sorriso, coração a coração; e quando um dia, na obstinação de viver, olhamos em torno de nós, — como tudo está já mudado, como nós desconhecemos tudo, como tudo nos desconhece a nós, e como essa humanidade nova em que já se não criam affectos, cheia de estranheza e de hostilidade, nos cava fundo na alma a impressão viva da solidão e do abandono, a mais desoladora, a mais pungente, a mais dolorosa de toda a velhice humana! Há figuras senis que procuram ainda adaptar-se, viver na sociedade a que já não pertencem e onde são elementos estranhos; há velhos que se permitem a ilusão de criar afeições novas; que tentam penetrar-se do espirito moderno que os rodeia, que os solicita, que os envolve. Bulhão Pato, não. Imobilizou-se no seu passado, refugiou-se no seu anacronismo, conservou-se irreductivel no seu isolamento. A voz do grande poeta era, há muito tempo, uma voz de além túmulo. As suas novas obras tinham já o ar carinhoso e envelhecido de póstumas. A geração que o entendia desaparecera há muito. Os sentimentos que o agitavam vinham do tempo do penteado à *polka* e dos bailes do Manteigueiro. As suas

paixões vestiam-se de *organdi* côr de rosa e dançavam ainda ao som da rabeça do Mazzoni. Tudo nele estava fora de moda. As suas próprias atitudes, os seus próprios gestos pareciam desenhar-se dentro da casaca de briche de Passos Manuel. A sua eloquência, a sua voz, a sua ênfase, pertenciam àquele Parlamento grave e retórico que Soto Maior deslumbrou com o seu *carrick* vermelho, e onde gesticulavam, cheias de anéis, as mãos pálidas de Garrett. Por isso o nobre acadêmico que foi Bulhão Pato, desintegrado da sua geração e da sua época, verdadeiro prolongamento, verdadeira ressonância sentimental de 1840, se conservou, até o fim da vida, uma figura admirável de pitoresco e de anedota. Era um sobrevivente; era um antepassado. Para o poder admirar, para o poder compreender, temos de recuar no tempo e de colocá-lo, em plena mocidade, em plena fôrça, em pleno brilho, dentro da sociedade a que pertenceu.

O melhor retrato que nos resta de Bulhão Pato pintou-o Columbano. É o poeta da decrepitude. Uns olhos vivos, argutos, negros, scintilam numa face branca de apóstolo. A barba, como uma onda revolta de prata oleosa, cobre-lhe o pescoço devastado. As mãos, apoiadas na bengala, são reflexivas e enérgicas. Na expressão, que a doçura da velhice tranquilizou, advinha-se ainda uma reliquia do antigo *pannache*. Dir-se-há que na mesma face se juntam a velhice de Tolstoi e a velhice de d'Artagnan. É uma obra prima da pintura portuguesa. É a mais alta expressão que pode atingir, na interpretação da máscara humana, o gênio dum pintor. — Mas já não é Bulhão Pato. — O poeta da *Paqueta* tem eternamente trinta annos. O poeta da *Paqueta* não envelheceu ainda. Vejo-o, advinho-o, evoco-o. Tem os cabelos negros, a polpa do lábio vermelha e moça, o sol da Espanha a arder-lhe nos olhos, a pele doirada e humida de seiva, o corpo firme e esbelto, o gesto impetuoso e largo. É o homem fatal do seu tempo. Ondula pelas salas, nos serões da Regaleira, nos bailes dos marqueses de Viana, passeando os olhos profundos, sacudindo a juba preta. O seu pulso é rijo como o aço; o seu olhar é macio como o veludo. Os homens temem-no; as mulheres enlanguescem ao vê-lo passar. Toma, em Sévres e oiro, o caldo de galinha das *sauteries* do Farrobo; soluça e geme, rodeado de saias de balão, os versos «*se coras não conto*»; e as mais belas mulheres, a própria madame Barrow, ministra da América, finge argueiros para que êle lhe sobre os olhos. Garrett, velho, postiço, espartilhado, ministro, rabujento, sonhando com a Ordem de Malta e penteando o chinó de Londres, não as interessa já. Ao deus que morre opõem o deus que nasce. Bulhão Pato é o Musset do Passeio Público, o Alfred de Vigny do Marrare de polimento. A sua pera negra, a sua pera impertinente de fauno esbelto, confiada sempre por uma mão sólida e forte, enche de virilidade o seu tipo romântico. A fama do talento ilumina-o. É o pupilo de Herculano, é o amigo de Rebêlo

da Silva, tem a costela de ouro de Apolo. Cortejam-no nas ruas, amimam-no nas salas, querem-no no Parlamento, chamam-no da Academia. Patuleia, liberal, cheio de energia e de raça, a sua alma está com o povo, vibra com o povo, palpita com o povo. Audacioso, eloquente, tem um dia na sua mão o poder, o domínio, a força. Mas a tudo renuncia a soberba da sua pobreza, o orgulho formidável da sua independência. O poeta humilde tem gestos de grande de Espanha. ; Que importa o mando, que importa o poder, que importa a glória! Bastava que a vida lhe corresse entre um sorriso de mulher e uma taça de *Champagne*, entre uma ode de Horácio e uma caçada às lebres. E de manhã, antes do sol nascido, quando principia a cantar o tentilhão madrugador, a toutinegra barbiruiva, o pisco chalreiro, êle aí vai com o seu polvorinho e o seu chumbeiro, a sua espingarda e o seu cão de mostra, varejando nos carrascais as perdizes velhas, batendo nos baldios os coelhos encovilados. O panteista, perdido no seio da natureza selvagem, bebendo a largos haustos o vento agreste das montanhas, — a cada perdiz que abate, a cada lebracho que os dentes do cão sacodem, encontra um verso de ouro das suas *Georgicas*, um ritmo carinhoso das suas *éclogas cristãs*, e a sua alma simples, a sua alma tranquila, a sua alma religiosa sobe num êxtase para Deus. Não lhe peçam a filosofia da sua obra. Não lhe perguntem a razão da sua existência. Sente porque sente, vive porque vive, ama porque ama. O seu gênio de instinto flutua entre duas emoções: uma mulher que sucumbe e uma perdiz que abate, um tiro que fuzila e um beijo que murmura, uma liga que foge e uma lebre que salta. A natureza é para êle um festim dionisiaco; a mulher é para êle um mistério profundo. Entre êsse festim e êsse mistério, entre êsse esplendor e essa interrogação, oscila, palpita, estremece toda a obra de Bulhão Pato. Das *Poesias às Canções da Tarde*, das *Paisagens às Flores agrestes*, da *Paqueta ao Livro do Monte*, essa obra flue, canta, explende, alaga, — agora melodiosa e doce, logo convulsa e violenta; florindo hoje em idílios, lampejando amanhã em sátiras; ora sóbria, ora truculenta; num dia carícia, noutro tempestade; mas sempre raça, mas sempre orgulho, mas fidalguia sempre. O patuleia pica-se de nobreza dos quatro costados. No seu anel esquartela-se o brasão dos Patos Ríaes de Alcochete. Nas suas genealogias remotas surge, como um sorriso, o burel de Santo António de Lisboa. Esse burel humilde e essa fidalguia de berço unem-se, aliam-se, resurgem, renascem na figura do poeta. Dão-lhe a sua pobreza de franciscano e a sua soberba de príncipe. Dão-lhe, acima de tudo, o seu grande, o seu imenso, o seu enternecido amor à terra portuguesa, ao sol de Portugal, ao povo de Portugal, que êle canfa, que êle admira, que êle exalta, no seu impeto retórico, na sua ênfase castelhana, no seu gesto redondo, — nesse gesto instintivo, hereditário, de quem leva a mão a um talabarte para arrancar da bainha a espada de D. Fuas!

Pobre Bulhão Pato! ;Velho poeta grandioso em tudo, na figura, no talento, na pobreza e no orgulho! Se há Deus; se é certo que a morte nos ilumina, nos transfigura, nos rejuvenesce, — estou a vê-lo, fidalgo, suntuoso, exagerado, espanhol, vestido num gibão preto de Velasquez, sacudir a juba, cofiar a pera de fauno velho, avançar na luz ofuscante de além túmulo, pôr a mão sobre o ombro formidável de Deus e perguntar-lhe familiarmente: — «Rapaz, como vais tu?»

Disse.



